

O MONUMENTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SECRETARIA-
DO NACIONAL DO MONUMENTO A CRISTO-REI
R. dos Douradores, 57

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
Monsenhor Pereira dos Reis

COMPOSTO E IMPRESSO NA ESCOLA TI-
POGRÁFICA DAS OFICINAS DE S. JOSÉ
Travessa dos Frazeres, 34

COM APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIASTICA

Primazias de Portugal no serviço do Rei-Divino

Entre as primazias de Portugal no culto do Sagrado Coração de Jesus, figura com gentil relêvo a formosíssima capela gótica, anexa ao palacete Pestana, na Rua do Almada, na cidade do Pôrto. O seu fundador, o falecido engenheiro José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, fervoroso católico e ardente legitimista, com o qual se identificava no amor do Divino Coração sua muito piedosa esposa D. Maria Eugénia Leão, vivia dominado pela ideia e pela ânsia do reinado social do SS. Coração de Jesus em nossa Pátria. Para êle, como cincoenta anos mais tarde Pio XI faria que fôsse também ideia dominante para toda a Igreja, a salvação estava só em que Jesus voltasse a ser reconhecido, pelos povos e pelos governos, como seu supremo Rei e Senhor. Levado desta fé, passava diariamente horas inteiras aos pés de Deus a suplicar o rápido advento dêste reinado de amor e, arvorando-se em arauto desta realza divina, não perdia ocasião « oportuna e importunamente » de persuadir a todos a sua necessidade e os seus benefícios.

Dêste sentir lhe veio um dia o pensamento de soltar maior pregão, mais clamoroso e duradoiro, erguendo um templo que na formosura estética fôsse encantadora exteriorização da beleza do seu ideal e da grandeza do seu entusiasmo.

Não estava ainda então estabelecida pela Igreja a festa de Cristo-Rei, nem era ainda inclinação geral dos espíritos a proclamação clamorosa da realza do Senhor, porque só mais tarde o recrudescimento da impiedade laicisadora dos Estados a provocou.

E é isto que explica ter o fundador dado à capela o nome do « Divino Coração » em vez de « Cristo-Rei ». Mas o seu pensamento era êste, que a capela fôsse um pregão da sua fé na realza do Salvador. E tanto que, adoptando um uso antigo que se vê no estrangeiro e parece vêr-se também nalgumas imagens de Cristo crucificado, nos Açores, por exemplo na Ilha Terceira, quis que o crucifixo da banqueta de bronze do altar-mór tivesse em lugar da coroa de espinhos uma espécie de coroa real.

E assim, se não pelo exterior, certamente pela intenção claramente manifestada, esta capela iniciada em Setembro de 1878 e concluída e inaugurada solenemente em 7 de Março de 1888, há precisamente cincoenta anos, é talvez a primeira que no mundo foi erguida em homenagem a Cristo-Rei.

Como sempre, não faltaram censores a acusarem de perdulário o fundador, que desfalcava a fortuna dos filhos, que poderia dar melhor emprêgo ao capital em obras mais oportunas e de maior necessidade do que uma nova igreja onde já havia tantas.

O fundador gastava do que era seu e de sua mulher e numa obra que era absolutamente do gosto de ambos, tendo em vista exclusivamente a glória de Deus. Não precisava por isso de dar satisfações a ninguém. Em todo



«Este templo é um acto externo da minha Fé»

Aos amigos do Coração do Senhor exortamos a que apremem a hora de glória e de graça, que será a realização do grandioso monumento erguido A'quele que é o Caminho, a Verdade e a Vida dos homens.

Fátima, 7 de Maio de 1938

† M. CARDIAL PATRIARCA

o caso, justificava-se sempre com a seguinte resposta, tão digna de Deus e do nobre coração de quem a dava: «Este templo é um acto externo da minha Fé».

Realmente, o primeiro dever é glorificar a Deus com o que somos e o que temos, porque, nós e o nosso, tudo é de Deus. E os benefícios de Deus, da nossa Fé, são tão grandes, que toda a riqueza e grandeza da terra são pó, são nada, para o agradecimento que devemos ao Senhor.

Na construção deste templo, beleza das estátuas e vitrais, riqueza dos bronzes e alfaias, gastou o fundador o total de **vinte e duas mil libras** que fariam, ao câmbio actual, **dois mil e duzentos contos**. Levou Deus já para Si, com a morte preciosa dos justos, os piedosos fundadores. Os seus descendentes directos, herdeiros também da sua grande piedade e liberalidade, nunca sentiram que tão elevada soma lhes fizesse falta. Antes, o que elles sempre dizem e a gente sempre lhes ouve é que esta capela é a glória da família e a sua maior esperança.

A sua glória, porque naquelas pedras são já, desde o lançamento dos alicerces, sessenta anos de incessante bradar da família aos Ceus, a Portugal e ao mundo — *Viva Cristo-Rei!* A sua esperança, porque Jesus prometeu: «*Procurai primeiro o reino de Deus, e tudo o mais vos será dado*».

Que tão nobre exemplo sirva de consolação e estímulo a todos os bons portugueses, nesta hora em que, mais que nunca, o remédio dos males do mundo e a salvação das nações é só o SS. Coração de Jesus, a Quem, por isso mesmo, Portugal quer fazer vir mais ao meio de nós, erguendo-Lhe um grandioso monumento de fé, reparação e louvor à sua realza universal.

1 milhão de portugueses a darem já dez escudos cada um, uma só vez, por inteiro ou em prestações — e teremos o Monumento em 1940.

NA EMISSORA NACIONAL

Conferência lida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Joana Mendes Leal, no dia 20 de Maio

Duas idéias dividem o mundo

Cada época da história é dominada especialmente por uma ideia, que deixa um rasto luminoso nos caminhos da humanidade, ou abre um sulco negro e triste, como uma vala onde o bem e a alegria se enterram, se a ideia é falsa e má.

No nosso tempo, duas idéias dividem o mundo.

Dum lado, os inimigos da luz, — que se julgam iluminados, pois, como diz a sabedoria oriental, «a ironia da cegueira é tanta que chama às trevas veredas luminosas», — regem-se por esta ideia que afunda a sociedade no erro e na desgraça: a negação de Deus, a supressão de todas as forças espirituais.

Doutro lado, os filhos da luz, que possuem a Verdade porque acreditam em Deus e escutam o seu Verbo, vivem também a paixão duma ideia: o reconhecimento da realza social de Cristo.

E cada uma destas idéias procura, pelos seus meios, triunfar.

O comunismo, a mais recente e a mais tremenda das heresias, já que não pode apagar as estrélas que escrevem no céu o nome de Deus, deita abaixo as igrejas e despedaça as imagens para, fazendo desaparecer os sinais sensíveis da fé, extinguir nas almas a crença religiosa.

Contra essa heresia opõe-se a Santa Igreja, instituindo a festa de Cristo Rei e erguendo-lhe estátuas nos pedestais altos dos montes, para afirmar publicamente os direitos soberanos de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do mundo por direito divino, porque é o Filho de Deus que com o Pai tudo criou, e Rei por direito de conquista porque, Filho do homem, resgatou os seus irmãos, sofrendo e morrendo por elles.

Portugal arauto de Cristo-Rei

Portugal, terra bendita de Santa Maria, Portugal, que tem na sua bandeira gloriosa as Chagas de Cristo, não poderia deixar de pertencer ao número daqueles que proclamam a realza social de Jesus, a quem «todas as nações foram dadas como herança».

E nesta hora em que sobre a Nação portuguesa passa uma estréla propícia, é este o momento oportuno para nos erguermos todos e glorificarmos o Senhor, que se está manifestando a Portugal na graça da sua protecção divina, tão maravilhosa como a aparição dos campos de Ourique.

«Os céus, o mar, o sol, a terra e o próprio inferno, reconheceram Jesus por seu Senhor, diz um Doutor da Igreja; só os homens se negam a reconhecê-lo como seu Deus e seu Rei!»

E' deste mal que morre o mundo; mas Portugal quer viver!

E por isso, como no tempo em que Portugal ambitionava ser tão grande que uma bula do Papa lhe concedeu metade

do mundo para campo das suas descobertas e conquistas, Portugal, quer voltar às suas nobres tradições cristãs, para que o seu exemplo continue a dar lições ao mundo, como as suas façanhas doutrou a lhe revelaram grandes coisas desconhecidas!

E como símbolo do seu espirito cristão, e como prova da sua vassalagem ao eterno Rei que reina sempre — quer seja, pelo amor, sobre aquêles que O amam ou O servem, ou, pela força, sobre aquêles que O desprezam ou negam — Portugal que deve a sua independência A'quele que «tem na sua mão o poder e o império»; Portugal, que deve a sua grandeza A'quele «que é a força das nações»; Portugal, que deve a sua paz de hoje A'quele que é o «Grande Rei Pacífico»; Portugal, nesta hora de ressurgimento nacional, tomou a iniciativa feliz de dar forma à sua ideia; e vai erguer um monumento a Cristo Rei, para que todos saibam e vejam que Cristo reina sobre a terra portuguesa!

E' este o desejo de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e de todo o Venerando Episcopado português, desejo que Portugal inteiro vai procurar realizar.

Uma lenda da Suécia

O encargo de angariar donativos para o monumento — que custará alguns milhares de contos — foi confiado ao *Apostolado da Oração*; mas esta Associação, que nada tem de seu, apela para todos os portugueses.

Que nos pede? O que pudermos dar. Aos mais pobrezinhos, pede apenas um escudo por ano, até o monumento estar concluído. Aos remediados e aos ricos pede aquilo que a sua generosidade lhes inspirar.

Quem não puder dispor de dinheiro, poderá dar jóias já fora de uso; quem não tiver ouro nem prata, poderá oferecer géneros: uma pinguinha de azeite das suas oliveiras, um punhado de trigo das suas searas...

O que quiserem dar... O que possam dispensar, sem lhes fazer falta. Tudo se aceita e tudo se agradece.

Conta uma lenda que a província da Suécia, chamada Uppland, era antigamente a mais pobre de todo o país. Reconhecendo a sua miséria, resolveu ir pedir esmola às outas províncias mais ricas.

Foi a uma e, queixando-se da sua pobreza, pediu-lhe um bocadinho de terra; como pedia tão pouco e havia tanta fartura, deram-lhe alguns torrões, que não faziam falta.

A Uppland agradeceu, aceitou, e partiu para outra província, onde pediu também uma esmola. — «Também eu sou pobre de terra, disse-lhe esta, mas, se quiseres, podes levar alguns rochedos das minhas montanhas.

E a pobre mendiga, foi percorrendo todas as províncias da Suécia, não recusando nada e agradecendo tudo, por mais pequena e aparentemente insignificante que fosse a esmola.

E assim, foi recebendo, aqui, um bo-



Interior da Capela-Monumento do Coração de Jesus, no Pôrto

cado duma floresta selvagem; além, um retalho dum prado pantanoso; uma província deu-lhe um rio; outra uma baía; outra ainda uma pequena ilha, etc. Tudo coisas que pareciam de refugio e que essas províncias davam sem custo, porque não lhe faziam falta.

Ora um dia, em que o rei quis escolher uma província para capital da Suécia, tódas as províncias se consideravam com direitos: cada uma se julgava a melhor e a mais bela.

Quando a Uppland levantou a voz, olharam-na desdenhosamente: «O que é que aquela pobretona poderia oferecer?!»

A Uppland pediu que a fôsem visitar, para ver se ela seria digna de receber o rei. Foram; e o seu espanto foi enorme!...

— «Não devias andar a pedir se eras tão rica!», murmuraram as outras províncias.

Mas a Uppland retorquiu-lhes humildemente: «Tudo o que tenho me foi dado por vós; eu só tratei de aproveitar o que vos me destes, por vos ser supérfluo ou inútil.» E explicou-lhes como tinha aplicado as suas esmolas.

As outras províncias compreenderam então como a Uppland tinha feito tão grandes coisas com meios tão pequenos e reconheceram que ela era, na verdade, digna de ser a capital e alojar o rei.

O *Apostolado da Oração*, mais pobre ainda do que Uppland pobrezinha, vai também percorrer tódas as províncias de Portugal, de porta em porta, pedindo esmola.

Se cada um lhe der um pouco, do muito que recebeu da liberalidade de Deus, — e que não lhe fará falta — voltará rico e poderá, graças a caridade de todos, erguer para Cristo Rei um grandioso trono de amor, donde o Senhor reinará misericordiosamente sobre Portugal.

O oiro também é pó.

Portugueses, que neste momento me escutais: não recuseis o vosso óbolo para o monumento nacional a Cristo Rei!

Dai, e dai generosamente, para que êle se levante bem alto e seja digno d'Aquele que é o Rei dos Reis — e digno de Portugal!

«Felizes aqueles que tiverem contribuído para estabelecer o seu império! exclamava Santa Margarida Maria; os seus nomes ficarão escritos eternamente no Coração de Cristo Rei.»

E quem não desejará escrever o seu nome no Coração de Jesus, para nêle ter a sua morada e o seu repouso para sempre? — como nos prometeu também Santa Margarida Maria.

Não guardemos avaramente o nosso oiro. O oiro também é pó, que nada vale na morte. Mas êsse pó poderá ficar a brilhar como estrélas no firmamento, se dêle nos servirmos para levantar sobre a terra a imagem d'Aquêlle que enche o céu com a sua glória!

Efeitos da propaganda

Pouco depois de saído «O Monumento» apresentou-se no Secretariado de Lisboa um cavalheiro, que não quis declinar o seu nome e declarou o seguinte: «nunca ouvi falar desta ideia do Monumento a Cristo-Rei. Soube dela agora pelo jornal «O Monumento» e venho trazer a minha contribuição». E entregou *quinhentos escudos*.

— No Estoril, uma devota mãe de família, com um rancho de filhos a sustentar à custa dos poucos ganhos do pai, vai ter com a sua zeladora do A. O. e diz-lhe: «depois de ler «O Monumento» meu marido e eu resolvemos dar mensalmente dois escudos e meio, até que se levante a estátua de Cristo-Rei; aqui tem pelo mês de Junho». E entregou-lhe os dois mil e quinhentos réis.

O nosso jornal

Teve um êxito excepcional o 1.º número do nosso jornalzinho de propaganda. A primeira venda foi feita no caminho de Lisboa para Fátima e à roda do recinto da Cova da Iria nos dias 12 e 13 de Maio. A 1.ª tiragem, de dez mil exemplares, esgotou-se prontamente. Fêz-se a 2.ª de outros dez mil, e por fim mais duas de cinco mil cada uma, para o enviar a todos os pontos do continente e das colónias e também para o estrangeiro. Perfêz-se assim uma tiragem total de trinta mil exemplares.

A *venda é avulsa*, não se aceitam assinaturas individuais, e o preço mínimo é de *um tostão* cada exemplar, e daí para cima tudo quanto a generosidade dos compradores queira oferecer. E realmente confessamos com ânimo agradecido, que, na venda já realizada, raros compradores deixaram de ser generosos.

«O Monumento» aspira a ser mensal e com data fixa, mas para isso necessita de ter organizada e assegurada a sua distribuição e venda em tódas as Dioceses.

O Secretariado Nacional de Lisboa espera do zelo apostólico das pessoas e entidades dedicadas à Igreja, e especialmente dos Rev. Párcos, Zeladores e Zeladoras do A. O. e dos militantes da Acção Católica.

Vai tóda a gente atrás d'Ele

O segredo da fúria com que os ímpios investem contra as imagens de Cristo, facilmente se descobre. É que Jesus, basta vê-lo para O amar, para O seguir.

Era assim nos breves anos que viveu com os homens na terra, e por isso os fariseus se conjuravam para o exterminar dizendo aflitíssimos: «Que faremos, se vai tóda a gente atrás d'Ele?»

As sagradas imagens de Jesus tem condão parecido com o da realidade viva. E, pelo que toca à imagem do SS. Coração de Jesus, lá estão as promessas feitas por Ele a S.ª Margarida Maria Alacoque a atestá-lo:

— «N. Senhor certificou-me:

1.º — que tem o maior prazer em ser honrado sob o emblema d'êste Coração de carne, cuja imagem deseja ver publicamente exposta, para assim comover o coração insensível dos homens;

2.º — que, sendo o seu Coração a fonte de tódas as bênçãos, as derramará copiosamente em todos os lugares em que estiver exposta a imagem d'êsse amável Coração, para ser amado;

3.º — que ela atrairá tóda a espécie de bênçãos sobre os lugares em que fôr exposta para receber singulares homenagens».

O' portugueses, se vos deixais dominar de santo entusiasmo pelo Monumento a Cristo Rei e o ergueis de-pressa sobre um trono grandioso, estai certos que a face da terra mudará infalivelmente em Portugal.

«Os céus e a terra passarão; mas a minha palavra, essa não passará», disse o Senhor (Luc. XXI, 33).

A Ideia do Monumento no Ultramar Português

Na África e em Macau, a iniciativa do Monumento a Cristo Rei encontrou acolhimento entusiástico.

As três seguintes cartas dos Venerandos Prelados de Angola, Moçambique e Macau ao Secretariado Nacional do Monumento, são outros tantos belíssimos testemunhos de dedicação patriótica e fervor religioso, que muito nos aprez registrar, com a devida vénia de Suas Ex.ªs Rev.ªs, nas páginas d'êste jornal, para edificação e consolação dos nossos leitores. Publicamo-las pela ordem do tempo de recepção:

Luanda, 4 de Agosto de 1937

Rev.ª Padre e prezado Amigo

Recebi a sua prezada carta em Malanje, ao chegar do Congo; antes de seguir para a Luanda, dei andamento à propaganda em favor do monumento projectado em honra de Cristo Rei: o Boletim da Diocese publicou uma circular a êsse respeito e o nosso hebdomadário «O Apostolado» iniciou imediatamente a propaganda. A seu tempo se mandará o que se fôr coligido. Não será muito, devido ao estado de crise da colónia e às muitas necessidades de cá. No entanto esteja V. Rev.ª certo de que se fará o possível e que Angola não deixará de se interessar por essa bela iniciativa. Aos meus esforços, juntarei as minhas humildes orações, para que esta obra vá por diante e desperte no coração de todos o interesse que bem merece, e para que o Sagrado Coração de Jesus se digne conceder a V. Rev.ª e a todos os que estão incumbidos da sua realização, a abundância das suas bênçãos. Não faltarão certamente dificuldades e contrariedades, mas não seja isso motivo para esmorecimentos; pelo contrário. Recomendando-me às fervorosas orações de V. Rev.ª, muito ded.º no Senhor.

† MOYSÉS, Bispo de Angola e Congo.

Lourenço Marques, 5 de Janeiro de 1938

Rev.ª Sr. Aplaudo com viva satisfação a feliz ideia do Monumento ao Sagrado Coração de Jesus em Lisboa. Como ficará bem a monumental estátua de Cristo Rei, sobre os rochedos de Almada, sobranceiro a êsse Tejo, que viu partir as caravelas e os missionários em demanda de *novos mundos* e de novas almas! Diz-me ainda V. Rev.ª que se trata de dar cumprimento a um voto nacional. Mais um motivo, para esta Prelazia de Moçambique concorrer com a sua quota para a erecção do Monumento. E' certo que andamos aqui todos atarefados, com a construção da nova igreja pro-Catedral. Mas a generosidade dos portugueses e até dos indígenas de Moçambique é grande. Contando com ela, encarreguei o Rev.ª P.ª Antonio Alves Martins, Director Diocesano do Apostolado da Oração e Vigário Geral, de fazer a devida propaganda e recolher as esmolas e ofertas para o Monumento. Com votos de novo ano feliz e uma felicíssima acção pro-Monumento, sou

De V. Rev.ª servo in Cristo

† TEOPÓSIO, Prelado de Moçambique

Macau, 14-1-1938

Rev.ª Sr. Tendo chegado há dias a Macau, dum visita pastoral às missões de Timor, Singapura e Malaca, só ontem me foi entregue a sua carta de 2 de Agosto do ano findo. Da melhor vontade trabalharei por auxiliar a obra do Monumento Nacional a Cristo Rei. Certo é que, em parte devido à guerra feroz que lavra ao nosso lado, entre a China e o

Japão, a ocasião não é das mais oportunas; todavia alguma coisa se arranjará. Farei tudo o que estiver ao meu alcance, nesta matéria. Por estes dias (estou assoberbado de serviço, devido a minha ausência de 7 meses), combinarei com os Rev.^{mas} Padres do Seminário a forma prática de levar por diante a colaboração da diocese na Obra do Monumento. Pedindo a Deus abençoê os seus esforços e enviando-lhe as minhas saudações, confesso-me com muito affecto.

Seu ded.º em C. J.
 † José, Bispo de Macau

Depois destas palavras, vieram logo as obras. Antecipou-se a diocese de Angola. Graças ao zelo ardente do seu Venerando Prelado e à coadjuvação sumamente dedicada do Ex.^{mo} Vigário Geral Monsenhor Alves da Cunha, que a este cargo junta o de activo director diocesano do Apostolado da Oração, esta diocese enviou já para Lisboa, em remessas sucessivas, um total de quinze mil e quinhentos escudos.

Os serviços de propaganda e recolha de fundos estão concentrados na Câmara Eclesiástica de Luanda, e todos os missionários da colónia se têm mostrado fervorosos propagandistas desta glorificação nacional da realza de N. Jesus Cristo em Lisboa.

De Macau, A Revista «Religião e Pátria» com sede no Seminário, escrevia no seu número de Março d'este ano falando do Monumento a Cristo Rei: — O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prelado de Macau, numa provisão sua, diz: «E' nosso ardente desejo que os católicos da nossa diocese, sobretudo os de nacionalidade portuguesa, contribuam para esta obra de fé e de amor... Que nenhum deixe de lhe prestar o seu concurso, por modesto que seja. Para se levar por diante tão bela e simpática iniciativa, abençoamos todos aqueles que contribuirem para a sua realização, ligando assim o seu nome a esta cruzada nacional, que deve atrair do Céu muitas bênçãos para o povo português».

E a 7 de Abril escrevia-nos o Rev.^{mo} Director Diocesano do A. O. de Macau: «O Senhor Bispo, D. José da Costa Nunes, reuniu o clero parochial e formou uma comissão, para obter esmolas para o Monumento a Cristo Rei. Fazem parte dela os Párocos da cidade e eu fui encarregado de receber e fazer chegar a seu termo as colectas que se forem recebendo. Já vai o produto da 1.^a, que importou em 1.102 patacas, as quais reduzidas a escudos deram este cheque de 7.960\$89 centavos.

Para começar é bem bom. Adiante irá mais. Deus queira que apareça em breve o nosso Divino Rei abençoando a nossa gente. Seu sempre amigo em Cristo

P.^o ANTONIO MARIA ALVES

De Macau foram enviadas já para Timor as listas e os prospectos de propaganda».

A SUBSCRIÇÃO

Iniciamos hoje a publicação da subscrição nacional, desde o seu lançamento em Junho de 1937 até ao fim de Junho de 1938.

Sob o nome de cada diocese inscreveremos as somas recebidas e a sua procedência. Mas no Patriarcado de Lisboa, como é grande o número de pessoas que tem oferecido donativos particulares, isto é, não registados nas listas impressas que circulam pelas freguesias, deixaremos a publicação dêles para o próximo número de «O Monumento», registando agora somente o dinheiro recebido com as listas officiais da subscrição.

As quantias recebidas de toda a nação, até ao dia 30 de Junho, no Secretariado Nacional, perfazem um total, aproximadamente, de cento e quarenta contos, ou seja,

uma média de pouco mais de onze contos por mês. Se se tem presente o cálculo, que os architectos supõem ser o mínimo, do montante necessário para erguer em Lisboa um Monumento digno de N. Senhor Jesus Cristo e do nome de Portugal e dos teitos dos portugueses pela dilatação do reino de Cristo no mundo, é-se tentado a crer que esta iniciativa levará longos anos a realizar.

Mas não se deve julgar das obras de Deus pelo critério humano. O Monumento vai ser erguido pela oração, pelos sacrificios e pelo dinheiro de milhares de portugueses. Nós começamos por orar: a oração tudo alcança.

Acompanham a nossa oração as preces fervorosas das melhores almas, dos corações mais apaixonados de Jesus que com Ele se imolam pelo nosso Portugal e pelo mundo todo. Daqui virá o resto. Esta fé ninguém é capaz de no-la arrancar. Descreiam outros, haja mesmo quem dissuada as boas vontades ou tente pôr estorvo à expansão da propaganda; nós estamos certos de que todos esses obstáculos serão vencidos e que o Monumento será uma realidade, mais depressa do que parecerá até a muitos amigos. Sim, uma ideia que apaixonou já os santos que vivem por aí no meio de nós, e que é levada ao céu no coração de justos como aquêlê bondoso Prior do Nordeste, ilha de S. Miguel, que ao morrer legou para o Monumento um conto de réis, e como aquêlê doentinha tuberculosa do Sanatório do Lumiar, que, ao despedir-se da terra com disposições de santa, nos entregava, na ante-véspera da sua morte, os vinte e dois escudos do seu sacrificio e do de outras pobrezinhas doentes; uma ideia que entusiasmo e põe em prece e em sacrificio de cotização mensal as próprias crianças, é uma ideia triunfante já. A expressão dêsse triunfo em números é consequência certa. Gostaríamos todos de a ver já e de a palpar; mas, porque ela falta ainda neste momento, não devemos afligir-nos. Tudo tem a sua hora, e a natureza, dizem os sábios, não caminha aos saltos. A ideia do Monumento é já amor nos corações? — vai ser um facto, porque o amor pode mais que a morte e é omnipotente como a fonte donde dimana: Deus.

PATRIARCADO DE LISBOA

Freguesias	Donativo
S. Vicente de Fora	628.15
Alcântara	2.134.00
Anjos	930.50
Arroios	501.70
Benfica	670.00
Campo Grande	1.043.50
St. ^a Catarina	1.073.00
Carnaxide	353.00
Conceição Nova	110.50
St. ^a Condestável	835.30
Coração de Jesus	2.974.60
Estrêla (Lapa)	5.200.65
Encarnação	247.40
St. ^a Engrácia	1.349.00
St. ^a Isabel	1.954.50
Sé (S. João da Praça)	350.00
Lumiar	1.802.65
Mártires	4.920.20
Madalena	340.50
Mercês	801.00
S. Nicolau	358.70
S. Paulo	1.815.70
Pena	1.015.90
Penha de França	142.50
Santos-o-Velho	4.044.80
Sacramento	1.956.20
S. José	752.50
Alcochete	123.20
Ameixoeira	70.00
Arruda dos Vinhos	614.20
Belas	574.00
Caparica	160.50
Cascais	394.50
Loures (Caneças)	420.00
Moita do Ribatejo	200.40
Palmela	72.50
Ponte do Rol	129.00

Paredê (S. Domingos de Rana)	249.40
St. ^a Iria de Santarém	284.00
Marvila » »	470.40
Vila Franca de Xira	553.00
Entroncamento	244.80
Caldas da Rainha (N. ^a S. ^a do Pópulo)	341.50
Mafra — Encarnação	15.00
Olivais — Semnário e Freguesia	479.75

Listas particulares

Seminário de Santarém	70.00
Casa de Lavouras de S. José (Oblatas)	1.237.50
Instituto de St. ^a Maria Madalena	325.50
Casa de Saúde do Telhal	480.00
Desenhadores de Hidráulica Agrícola (Alcôtes)	16.00
Um grupo de Condutores da Carris	53.07
Colégio D. Estefânia — Lisboa	312.20
» do Bom Sucesso	250.50
Curso do Sagrado Coração de Jesus	225.70
Colégio de Cascais — (Oblatas)	150.00
Escola Parochial da Freg. ^a da Lapa	5.00
Colégio das Escravas do S. Coração de Jesus	60.00
Centro das Chagas de Cristo	588.20
Casa de Saúde da Idanha	300.00
Irmãs de S. José de Cluny (S. Seb. da Pedreira)	50.00
Casa de Trabalho de Betânia — Arroios	50.00
Sanatório de S.ta Rosa de Lima — Belas	500.00

ARQUIDIOCESE DE BRAGA

Vila Nova de Famalicão	1.109.70
Santa Maria de Airão	170.00
S. Lazar — Braga	1.153.60
Sé Primas — Braga	425.00
S. Vitor — Braga	338.10
Centro de Sequeira — Braga	55.30
Vila do Castelo — Freg. de Monserrate	497.00
Barcelos — S.ta Maria Maior	621.50
Riba d'Ave	531.10
Espozende	97.50
Oliveira — Póvoa de Lanhoso	47.00
Vila Cova e Freitas	15.90
Vermoil — Guimarães	120.00
Silvares — Guimarães	65.00
Crasto — Ponte da Barca	32.00
Guinchães — Fafe	97.40
Lage — Prado	86.00
Fradellos — Famalicão	65.00
Pêrre — Viana do Castelo	300.00
S. João do Souto — Braga	1.978.70
Vila de Punhe	100.00
S. Cosme do Vale — Famalicão	100.00
Codexoso	150.00
Fão	55.00
A. O. da Matriz de Viana do Castelo	120.00
Vieira do Minho — Ventosa	41.00
S. Sebastião — Guimarães	105.00
Aguas Santas	100.00
S. Martinho do Campo — Póvoa de Lanhoso	62.50
Moreira de Rei — Fafe	134.80
S. Paio de Guimarães	250.00
Sobradelo da Goma — Póvoa de Lanhoso	186.00
Louro — Vila Nova de Famalicão	86.30
Brufe — »	96.00
S.ta Marinha de Chorense	16.00

Incluido numa destas listas está um donativo de 512\$00 da Ex.^{ma} Sr.^a D. Julia Pipa

Colégios

Instituto Nun'Alvres — Caldas da Saúde	863.50
Colégio de Nossa Senhora da Torre — Braga	512.00
Anónimas dum Colégio	161.00

(Continua)

Ter amor a Deus e aos homens,
 E escondê-lo dentro ^{de} mim?
 — Que cale a raiz ^{de} mais funda,
 Se não é Pão, nem Jardim?

Caridade sem as obras,
 Palavra em tempo e lugar,
 E' tigela sem caldinho,
 E' verbo sem encarnar.

(«Carta a Jesus» A. CORREIA D'OLIVEIRA)